



Por uma Igreja sinodal
comunhão | participação | missão

O processo sinodal 2021 – 2023 FASE DIOCESANA

Prof.^a Mariana Venâncio
marianaavenancio@gmail.com

3

O processo

FASE NAS IGREJAS PARTICULARES

outubro de 2021 – julho de 2022

FASE CONTINENTAL

setembro de 2022 – março de 2023

FASE DA IGREJA UNIVERSAL

outubro de 2023

Método

"O seu objeto – a sinodalidade – é também o seu método. Em síntese, constitui uma espécie de estaleiro de obras ou experiência-piloto, que permite começar a colher imediatamente os frutos do dinamismo que a progressiva conversão sinodal introduz na comunidade cristã".

Documento preparatório, 25

- A reflexão do Documento Preparatório deixa claro como a intenção do Processo Sinodal é valorizar as experiências de escuta que acontecerão ao longo do Processo. Por isso é importante conscientizar os envolvidos nas escutas – mas é claro que seria melhor que isso fosse percebido pela experiência – de que a conversão que o Sínodo possibilita não dependerá de um documento final, mas acontecerá já desde as assembleias locais.

Questão fundamental

A interrogação fundamental que orienta esta consulta do Povo de Deus é a seguinte:

Anunciando o Evangelho, uma Igreja sinodal “caminha em conjunto”: como é que este “caminhar juntos” se realiza hoje na vossa Igreja particular? Que passos o Espírito nos convida a dar para crescermos no nosso “caminhar juntos”?

Para dar uma resposta, sois convidados a:

1. Perguntar-vos que experiências da vossa Igreja particular a interrogação fundamental vos traz à mente?
2. Reler estas experiências mais profundamente: que alegrias proporcionaram? Que dificuldades e obstáculos encontraram? Que feridas fizeram emergir? Que intuições suscitaram?
3. Colher os frutos para compartilhar: onde, nestas experiências, ressoa a voz do Espírito? O que ela nos pede? Quais são os pontos a confirmar, as perspectivas de mudança, os passos a dar? Onde alcançamos um consenso? Que caminhos se abrem para a nossa Igreja particular?

Refletir a partir de 3 níveis:

- O plano do estilo em que a Igreja normalmente vive e atua, que exprime a sua natureza de Povo de Deus a caminho em conjunto e que se reúne em assembleia, convocado pelo Senhor Jesus na força do Espírito Santo para anunciar o Evangelho. Este estilo realiza-se através «da escuta comunitária da Palavra e da celebração da Eucaristia, da fraternidade da comunhão e da corresponsabilidade e participação de todo o povo de Deus, nos seus vários níveis e na distinção dos diversos ministérios e funções, na sua vida e na sua missão»;
- O plano das estruturas e dos processos eclesiais, determinados inclusive dos pontos de vista teológico e canônico, em que a natureza sinodal da Igreja se manifesta de maneira institucional a nível local, regional e universal;
- O plano dos processos e eventos sinodais em que a Igreja é convocada pela autoridade competente, em conformidade com procedimentos específicos, determinados pela disciplina eclesiástica.

Ter em vista sinodalidade em 2 aspectos

Além disso, na releitura das experiências, é necessário ter em consideração que “caminhar juntos” pode ser entendido de acordo com duas perspectivas diferentes (...). A primeira diz respeito à **vida interna das Igrejas particulares**, às relações entre os indivíduos que as constituem (...) e às comunidades em que se subdividem (...). Em seguida, considera as relações dos Bispos entre si e com o Bispo de Roma, inclusive através dos organismos intermediários de sinodalidade (...). Por conseguinte, estende-se à maneira como cada uma das Igrejas particulares integra em si mesma a contribuição das várias formas de vida monástica, religiosa e consagrada, de associações e movimentos laicais, de instituições eclesiais e eclesiásticas de diferentes tipos (...). Para finalizar, esta perspectiva abrange também as relações e as iniciativas comuns com os irmãos e as irmãs das demais confissões cristãs, com os quais partilhamos o dom do mesmo Batismo. A segunda perspectiva tem em consideração **o modo como o Povo de Deus caminha em conjunto com toda a família humana**.

Exemplo de roteiro

1. Nomeação da(s) Pessoa(s) de Contato da Diocese
2. Criação de uma Equipe Sinodal Diocesana
3. Discernir o caminho para a sua diocese
4. Planejamento do processo participativo
5. Preparação dos coordenadores dos grupos para as reuniões da consulta sinodal
6. Disponibilizar um seminário de orientação para a Equipe Sinodal Diocesana e coordenadores locais
7. Comunicar a todos
8. Implementar, monitorizar e orientar o processo de consulta sinodal
9. Reunião Diocesana Pré-Sinodal
10. Preparação e apresentação da síntese diocesana

Exemplo de roteiro

Os passos elencados acima, na Parte 4.4, devem ser utilizados como linhas de conduta. Em última análise, a fase diocesana envolve “ingredientes” semelhantes aos da Assembleia do Sínodo dos Bispos, tal como a que terá lugar em Roma em outubro de 2023. Estes elementos são: uma celebração litúrgica para começar, a reunião numa grande assembleia, os encontros em pequenos grupos, os momentos de silêncio e oração, as conversas informais, as experiências partilhadas (tais como peregrinações, expressões artísticas e experiências com pessoas vulneráveis, deficientes e idosos) e uma celebração litúrgica para concluir. Estes ingredientes básicos da sinodalidade podem ser facilmente adaptados à circunstância local de cada um para fomentar uma experiência sinodal frutuosa nessa mesma Igreja local, tendo em conta os princípios, as atitudes e as armadilhas antes descritos, na Parte 2.

Núcleos temáticos: 01/10

I. OS COMPANHEIROS DE VIAGEM

Na Igreja e na sociedade, estamos no mesmo caminho, lado a lado. Na vossa Igreja local, quem são aqueles que “caminham juntos”? Quando dizemos “a nossa Igreja”, quem é que faz parte dela? Quem nos pede para caminhar juntos? Quem são os companheiros de viagem, inclusive fora do perímetro eclesial? Que pessoas ou grupos são, expressa ou efetivamente, deixados à margem?

Documento preparatório, 30

Núcleos temáticos: 02/10

II. OUVIR

A escuta é o primeiro passo, mas requer que a mente e o coração estejam abertos, sem preconceitos. Com quem está a nossa Igreja particular “em dívida de escuta”? Como são ouvidos os Leigos, de modo particular os jovens e as mulheres? Como integramos a contribuição de Consagradas e Consagrados? Que espaço ocupa a voz das minorias, dos descartados e dos excluídos? Conseguimos identificar preconceitos e estereótipos que impedem a nossa escuta? Como ouvimos o contexto social e cultural em que vivemos?

Documento preparatório, 30

Núcleos temáticos: 03/10

III. TOMAR A PALAVRA

Todos estão convidados a falar com coragem e *parrésia*, ou seja, integrando liberdade, verdade e caridade. Como promovemos, no seio da comunidade e dos seus organismos, um estilo comunicativo livre e autêntico, sem ambiguidades e oportunismos? E em relação à sociedade de que fazemos parte? Quando e como conseguimos dizer o que é deveras importante para nós? Como funciona a relação com o sistema dos meios de comunicação social (não só católicos)? Quem fala em nome da comunidade cristã e como é escolhido?

Documento preparatório, 30

Núcleos temáticos: 04/10

IV. CELEBRAR

“Caminhar juntos” só é possível se nos basearmos na escuta comunitária da Palavra e na celebração da Eucaristia. De que forma a oração e a celebração litúrgica inspiram e orientam efetivamente o nosso “caminhar juntos”? Como inspiram as decisões mais importantes? Como promovemos a participação ativa de todos os Fiéis na liturgia e o exercício da função de santificar? Que espaço é reservado ao exercício dos ministérios do leitorado e do acolitado?

Documento preparatório, 30

Núcleos temáticos: 05/10

V. CORRESPONSÁVEIS NA MISSÃO

A sinodalidade está ao serviço da missão da Igreja, na qual todos os seus membros são chamados a participar. Dado que somos todos discípulos missionários, de que maneira cada um dos Batizados é convocado para ser protagonista da missão? Como é que a comunidade apoia os seus membros comprometidos num serviço na sociedade (na responsabilidade social e política na investigação científica e no ensino, na promoção da justiça social, na salvaguarda dos direitos humanos e no cuidado da Casa Comum, etc.)? Como os ajuda a viver estes compromissos, numa lógica de missão? Como se verifica o discernimento a respeito das escolhas relativas à missão e quem participa? Como foram integradas e adaptadas as diferentes tradições em matéria de estilo sinodal, que constituem a herança de muitas Igrejas, especialmente as orientais, em vista de um testemunho cristão eficaz? Como funciona a colaboração nos territórios onde estão presentes diferentes Igrejas *sui iuris*?

Núcleos temáticos: 06/10

VI. DIALOGAR NA IGREJA E NA SOCIEDADE

O diálogo é um caminho de perseverança, que inclui também silêncios e sofrimentos, mas é capaz de recolher a experiência das pessoas e dos povos. Quais são os lugares e as modalidades de diálogo no seio da nossa Igreja particular? Como são enfrentadas as divergências de visão, os conflitos, as dificuldades? Como promovemos a colaboração com as Dioceses vizinhas, com e entre as comunidades religiosas no território, com e entre associações e movimentos laicais, etc.? Que experiências de diálogo e de compromisso partilhado promovemos com crentes de outras religiões e com quem não crê? Como é que a Igreja dialoga e aprende com outras instâncias da sociedade: o mundo da política, da economia, da cultura, a sociedade civil, os pobres...?

Núcleos temáticos: 07/10

VII. COM AS OUTRAS CONFISÕES CRISTÃS

O diálogo entre cristãos de diferentes confissões, unidos por um único Batismo, ocupa um lugar particular no caminho sinodal. Que relacionamentos mantemos com os irmãos e as irmãs das outras confissões cristãs? A que âmbitos se referem? Que frutos colhemos deste “caminhar juntos”? Quais são as dificuldades?

Documento preparatório, 30

Núcleos temáticos: 08/10

VIII. AUTORIDADE E PARTICIPAÇÃO

Uma Igreja sinodal é uma Igreja participativa e corresponsável. Como se identificam os objetivos a perseguir, o caminho para os alcançar e os passos a dar? Como se exerce a autoridade no seio da nossa Igreja particular? Quais são as práticas de trabalho em grupo e de corresponsabilidade? Como se promovem os ministérios laicais e a assunção de responsabilidade por parte dos fiéis? Como funcionam os organismos de sinodalidade a nível da Igreja particular? São uma experiência fecunda?

Documento preparatório, 30

Núcleos temáticos: 09/10

IX. DISCERNIR E DECIDIR

Num estilo sinodal, decide-se por discernimento, com base num consenso que emana da obediência comum ao Espírito. Com que procedimentos e com que métodos discernimos em conjunto e tomamos decisões? Como podem eles ser melhorados? Como promovemos a participação na tomada de decisões, no seio de comunidades hierarquicamente estruturadas? Como articulamos a fase consultiva com a deliberativa, o processo do *decision-making* com o momento do *decision-taking*? De que maneira e com que instrumentos promovemos a transparência e a *accountability* (responsabilidade)?

Documento preparatório, 30

Núcleos temáticos: 10/10

X. FORMAR-SE NA SINODALIDADE

A espiritualidade do caminhar juntos é chamada a tornar-se princípio educativo para a formação da pessoa humana e do cristão, das famílias e das comunidades. Como formamos as pessoas, de maneira particular aquelas que desempenham funções de responsabilidade no seio da comunidade cristã, a fim de as tornar mais capazes de “caminhar juntas”, de se ouvir mutuamente e de dialogar? Que formação oferecemos para o discernimento e o exercício da autoridade? Que instrumentos nos ajudam a interpretar as dinâmicas da cultura em que estamos inseridos e o seu impacto no nosso estilo de Igreja?

Avaliações e limites

- Primeiro, há que se reconhecer que o processo de escuta é longo e abrangente, o que o torna também complicado em sua execução. tentativas de simplificação (como a transformação dos dez núcleos em formulários) podem levar à perda da riqueza que se encontrará no processo.
- Os tempos e esforços dedicados ao processo produzirão frutos para os pequenos grupos e para a sinodalidade das Igrejas Particulares, antes mesmo que possam contribuir com a Igreja Universal.

Avaliações e limites

- Há, no entanto, o limite das Igrejas particulares que consideram o processo como uma "interferência em suas próprias programações", "um processo que não vai dar em nada", "mais um relatório a se fazer".
- Outro limite serão os "filtros" pelos quais as contribuições dos pequenos grupos irão passar, especialmente na fase de elaboração da síntese diocesana. Como encarar essa realidade e como visibilizá-la com ética e fraternidade?
- Às pessoas que não se sentirem contempladas pelos processos em suas Igrejas locais, será oferecida alguma alternativa de contribuição?